



# Panorama Econômico

Dezembro de 2019





## Ano novo, velhos desafios

O ano de 2019 foi intenso para formação das expectativas sobre economia brasileira. No início do ano havia uma elevada dose de otimismo, com perspectivas da equipe econômica recém formada. À medida que as primeiras semanas do ano transcorreram esse otimismo foi cedendo, dando espaço a um grande ceticismo com relação a capacidade efetiva do governo implementar sua agenda dentro do Congresso. No entanto, ao final, alinhado com uma onda mais otimista de investidores globais, as perspectivas brasileiras melhoraram e os níveis de confiança voltaram às alturas, entrando em 2020 carregados de otimismo.

No início do ano, o próprio Banco Central esperava um crescimento de 2% do PIB. A perspectiva para esse crescimento era advinda de dois principais fatores: a retomada da indústria e aceleração acentuada do comércio. Ambos frustraram as expectativas.

O setor industrial foi o mais afetado. Logo no início de 2019, a tragédia de Brumadinho fez com que a indústria extrativa despencasse 6% no acumulado do ano até o segundo trimestre. Esse efeito foi se dissipando e a expectativa é que a atividade extrativa, que corresponde a aproximadamente 10% do setor industrial, termine o ano com um crescimento ao redor de 1%.

O maior componente do setor industrial, o segmento de transformação, foi afetado em parte pelas sucessivas quedas das exportações para os principais parceiros comerciais do Brasil, em especial a Argentina, devido à desaceleração do comércio global e deterioração do nosso vizinho.

Por outro lado, o setor de construção civil teve uma performance surpreendentemente positiva. Após cinco anos de queda, estima-se que o setor tenha crescido em torno de 2,5% neste ano.

O mercado de trabalho, por sua vez, mostrou melhora paulatina, especialmente na geração de

empregos formais. Segundo dados do Ministério da Economia, 480 mil empregos com carteira assinada foram gerados no ano, ante 370 mil no mesmo período de 2018.

No mercado de crédito, tanto o segmento Pessoa Física quanto Empresas apresentam bons sinais de recuperação. Não só o volume de cessão aumentou, mas sua origem de agentes privados em detrimento de bancos públicos foi o destaque do ano.

O ano de 2020 se inicia com boas expectativas de crescimento saudável. A mudança na postura da política fiscal do governo aliado a aprovação de reformas que buscam equilíbrio orçamentário e sustentabilidade da dívida pública já têm apresentado resultados no curto prazo. Em 2019, a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) crescerá 0,4 p.p. do PIB, segundo o Tesouro Nacional, em contraste com o crescimento de mais de 20 p.p. do PIB entre 2015 e 2018.

A notícia positiva imediata é a revisão da expectativa para a trajetória da dívida bruta. Na projeção anterior, as perspectivas do Tesouro Nacional eram que a dívida em proporção do PIB apresentasse uma trajetória de queda após atingir um patamar de 82% em 2021. Atualmente o Tesouro trabalha com um cenário de dívida em queda imediatamente, atingindo 77% em 2021.

De forma paralela, a agenda de reformas estruturais deve ganhar visibilidade em 2020. Em pauta estão a reforma tributária, a equalização da dívida dos estados e municípios e a reforma administrativa. Todas visam reduzir as distorções burocráticas e alocativas do estado brasileiro.

No âmbito monetário, a visão é igualmente otimista. Enquanto o cenário inflacionário permanece benigno, com expectativas de inflação dentro da meta para os próximos anos, alguns choques exógenos podem preocupar.



Na última ata do Comitê de Política Monetária (Copom), o Banco Central trouxe um tom mais cauteloso em relação a comunicação de novembro sobre possíveis novos cortes na queda da taxa Selic.

Entendemos que o cenário prescreve uma interrupção do ciclo de queda da Selic, mantendo-se constante no 4,50% durante os próximos

meses, enquanto a economia se adapta e reflete o impacto desta redução até aqui.

Naturalmente o Copom deve aumentar a taxa para níveis estruturais na medida em que o estímulo monetário deixe de ser necessário. Isto significa que, assim que a economia ganhar tração e houver indícios de pressão inflacionária endógena, a Selic deve voltar ao patamar neutro próximo a 3,0% acima da inflação corrente.

## Projeções

Indicador	2019		2020	
Crescimento do PIB (% a.a.)	1,1	=	1,7	=
IPCA (% , fim do período)	3,9	↑	4,0	=
Taxa Selic (% , fim do período)	4,5	=	5,5	=
CDI (% , acumulado no ano)	6,0	=	4,7	=
Desemprego (% , fim do período)	11,9	=	11,7	=



Para informações:

(41) 3351 9966

contato@4um.com.br

www.4UM.com.br

Rua Visconde do Rio Branco, 1488 – 4º andar  
Curitiba | PR

Ouvidoria/Reclamações: 0800 645 6094



Este é um material de divulgação com fins informativos e não deve servir como única base para tomada de decisões de investimento, nem deve ser considerada uma oferta para aquisição de cotas. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir, os quais podem ser obtidos em [www.jmi.com.br](http://www.jmi.com.br). Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador ou por qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Taxa de administração máxima compreende, além da taxa mínima do fundo, a taxa de administração dos fundos em que o fundo venha a investir. Os investimentos dos fundos de investimento de que trata este material de divulgação apresentam riscos para os investidores, ainda que o gestor da carteira mantenha sistema de gerenciamento de riscos, não há garantia de completa eliminação da possibilidade de perdas para os fundos de investimento e para os investidores. Supervisão e Fiscalização: Comissão de Valores Mobiliários – CVM. Serviço de Atendimento ao Cidadão em [www.cvm.gov.br](http://www.cvm.gov.br).